

História e Biografia: uma discussão sobre possibilidades

Karla Karine de Jesus Silva¹

Resumo: o presente artigo analisa a biografia e seus usos pela história, especialmente a partir do final do século XX e início do século XXI. Se as histórias sobre sociedades são compostas através de pensamentos e ações coletivas, logo, as histórias individuais são subterfúgios à construção dessas histórias. A partir das teorias e conceitos de Giovanni Levi, Pierre Bourdieu, Vavy Pacheco Borges, Robert Darnton, Peter Burke, dentre outros, discute-se as possibilidades que o gênero biográfico oferece, seus tipos e modelos, à produção do conhecimento histórico.

Palavras-chave: biografia, história, possibilidades, conhecimento, narrativa.

HISTORY AND BIOGRAPHY: A DISCUSSION ABOUT POSSIBILITIES

Abstract: This article analyzes the biography and its uses for history, especially from the late twentieth and early twenty-first century. If stories about societies are compounded by collective thoughts and collective actions, then individual stories are subterfuge to the construction of such stories. From the theories and concepts of Giovanni Levi, Pierre Bourdieu, Vavy Pacheco Borges, Robert Darnton, Peter Burke, among others, we discuss the possibilities that the biographical genre offers, its types and models, to the production of historical knowledge.

Keywords: biography, history, possibilities, knowledge, narrative.

Artigo recebido em 09/04/2017 e aceito em 12/06/2017.

A biografia oferece inúmeras possibilidades de uso para pesquisa e como qualquer objeto, apresenta variados problemas. Giovanni Levi estudou os usos e objetivos da biografia entre os séculos XVIII e XX, relacionando narrativa e gênero biográfico. Ele identificou pelo menos dois motivos que justificam o recente interesse dos historiadores pelas trajetórias individuais: 1. Para enfatizar as fraquezas ou transgressões dos indivíduos, seus comportamentos e o sistema no qual são inseridos, a partir de suas experiências; 2. Para provar ou validar hipóteses científicas em relação às leis e regras sociais⁵⁹^{II}. A história narrativa vem se renovando, procurando novas fontes e documentos que deem conta de descobrir e explicar indícios de atos e palavras do cotidiano, passíveis de descrições. Esta busca pode ser encontrada nas trajetórias individuais. Um problema em se escrever a vida de um indivíduo está na forma como os atores históricos são compreendidos, obedientes a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. A tradição biográfica tem se contentado com modelos que seguem uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável.

Conforme Levi, no século XVIII, a biografia pública, exemplar, moral, foi fruto de oscilações entre os momentos de crise da racionalidade ou quando o confronto do indivíduo com as instituições foi mais agudo. As histórias de vida tinham muito mais características de romance, na medida em que eram fragmentadas, cheias de retornos, preenchidas com hipóteses, incapazes de serem realistas, na qual os personagens eram representados como célebres, revelando suas virtudes públicas e seus vícios privados. A biografia e a autobiografia oscilavam entre verdade e ilusão literária. As discussões em torno do romance e da (auto)biografia chegaram a um consenso na *biografia moral*, que consistia em renunciar a veracidade, acrescentando às vezes emoções e paixões, fixando-se apenas nos aspectos significativos de uma vida. Eram exemplares, ressaltando os feitos e as atitudes dos protagonistas. Neste viés, Levi afirma que positivistas e funcionalistas privilegiavam a dimensão pública ao invés da dimensão privada^{III}.

Com os novos paradigmas em todos os campos científicos, inclusive as novas tendências literárias, as possibilidades do que é descrito tornaram-se objeto de questionamentos em torno das produções biográficas no século XX. Nessa dimensão, entre alguns dos desafios com que se depara a biografia histórica, inclui-se a importância de se conhecer o ponto de vista do observador, a complexidade da identidade, sua formação progressiva e não linear e suas contradições; as redes de relações, estratos, grupos sociais, e seus mecanismos; e como os indivíduos se definem em relação ao grupo e se reconhecem numa classe⁶¹^{IV}. Devido à diversidade com que os historiadores passaram a problematizar as histórias de vida, Levi divide a biografia em quatro tipos que auxiliam na identificação ao se estudar o gênero:

- *Prosopografia e biografia modal*: consiste na utilização de dados biográficos para fins prosopográficos. Seus elementos são considerados historicamente reveladores quando ilustram comportamentos ou aparências ligadas às condições sociais mais frequentes. Trata-se da infinidade de combinações possíveis a partir de experiências comuns a pessoas de um mesmo grupo. A biografia aqui não é de uma pessoa singular, mas de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo^V. Em, *Todas as Mulheres de Hitler*, por exemplo, Erich Schaake analisa a intimidade de Hitler e sua projeção política a partir das histórias de vida de treze das mulheres com quem ele se relacionou, desde sua mãe, amigas, funcionárias, parentes a amantes^{VI}. Também Natalie Zemon Davis reflete sobre as condições da mulher e da cultura do mundo moderno no século XVII a partir das histórias de três mulheres: a judia Glíkl bas

Judah Leib, a católica Marie de l'Incarnacion e a protestante Maria Sibylla Merian, em seu livro *Nas Margens – três mulheres do século XVII*^{VII}.

- *Biografia e contexto*: neste tipo a biografia preserva sua essência, porém dá ênfase ao contexto, o ambiente também é valorizado como fator capaz de caracterizar e explicar a trajetória do indivíduo em questão. O “contexto serve para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado”^{VIII}. *O retorno de Martin Guerre* (1987)^{IX}, também da historiadora Natalie Zemon Davis, em que não só o personagem é o centro da discussão biográfica, mas também a forma de comportamento e as práticas culturais do século XVI, é um modelo disso. Outro exemplo é o trabalho de Eduardo Silva, *Dom Obá II D'África, o Príncipe do Povo – Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor* (1997)^X, em que o biógrafo faz um estudo de caso sobre o cotidiano e o universo cultural e simbólico dos escravos, libertos e homens livres no Brasil do século XIX a partir da história de vida de Cândido da Fonseca Galvão, o Príncipe Obá.
- *Biografia e os casos extremos*: aqui as biografias são utilizadas exclusivamente para esclarecer um contexto. O indivíduo é apenas um aporte, o contexto é o foco. Em sua biografia de Menocchio, *O queijo e os vermes* (1975), por exemplo, Carlo Ginzburg analisa a cultura popular através de um caso extremo e não de um caso modal. O objeto funciona como ilustração.
- *Biografia e hermenêutica*: consiste em atribuir significado ao ato biográfico, que por sua vez pode adquirir uma infinidade de outros significados. É preciso problematizar e interpretar antes de partir para a produção biográfica. De acordo com Levi, este tipo de abordagem estimulou a reflexão entre os historiadores, levando-os a buscar técnicas mais dinâmicas e utilizar formas narrativas mais disciplinadas^{XI}.

Para Levi, estes tipos de biografia apresentados servem como novos caminhos a serem trilhados pelos que procuram utilizar as narrativas individuais como instrumento do conhecimento histórico em substituição à tradicional biografia linear e factual^{XII}. Vavy Borges, ao explicar como elaborar uma trajetória individual, lembra que segundo o especialista em autobiografia Phillippe Lejeune, as histórias de vida podem ser classificadas em três categorias: 1. *Narrativa pura* – aquela em que o narrador não conheceu seu objeto e pretende com sua narrativa dar a ele uma existência completa mediante documentos e testemunhos; 2. *Testemunho com pretensão de biografia* – neste caso o narrador conheceu ou conhece o personagem. É um testemunho que pode ser usado para uma futura biografia, apoiado nos documentos que possui; 3. *Testemunho puro* – é quando o narrador não apenas conhece o indivíduo, como participou de momentos de sua vida. Geralmente são textos de amigos, filhos, parentes, companheiros etc^{XIII}.

Uma produção biográfica implica, conforme as considerações que Levillain faz a partir do romancista André Maurois (1928), regras factuais rigorosas e não é meramente um exercício da fantasia, muito embora existam fatos mais importantes do que outros segundo as escolhas do autor a partir do seu ponto de vista. Elementos ficcionais muitas vezes são utilizados para reconstituir uma história de vida, o que não significa que a informação seja descartável, já que para ele “a ficção provém do suplemento de explicação que o autor se julga no direito de dar quando a reunião dos documentos não basta para retratar o personagem. Pois toda biografia resulta da tentação criadora”^{XIV}. A ficção costuma ser utilizada para preencher espaços na narrativa carentes de documentação sobre o biografado. Muitas narrativas utilizam-se das realizações do personagem quando os registros pessoais são insuficientes. Nestes casos, o biografado não é mais utilizado para se esclarecer uma época,

um século, mas, a época e o século é que servem de base para se explorar o indivíduo, suas qualidades, defeitos e vícios, ou seja, quais tensões sociais da época de determinado personagem agiram para que ele manifestasse certo comportamento.

Em *O historiador como colunista: ensaios para a folha* (2009)^{XV} Peter Burke dedica um texto às variedades com que as trajetórias individuais podem ser contadas, uma vez que diferentes tipos de pessoas apreciam diferentes tipos de biografias. Dentre estas preferências, alguns se atraem pelas hagiografias, outros pelas que tratam dos heróis e há aqueles que se seduzem pelas produções do tipo anti-herói que têm como foco expor as fraquezas do biografado. A série *Heróis e Vilões* publicada no *The Independent Magazine* é exemplo de um perfil biográfico do tipo anti-herói. Em 28 de outubro de 1989, essa série publicou “Epitáfio para um vilão: Roy Cohn”, em que os vícios e defeitos de Roy Cohen, advogado de caráter dubio e influente na política norte-americana durante o Governo de Ronald Reagan (1981-1989) foram propositalmente explorados e apresentados^{XVI}.

Em geral, quaisquer que sejam as preferências dos leitores em relação aos personagens biografados, os biógrafos encontrarão na vida interior, nas atividades realizadas pelo indivíduo, na sua rotina no dia a dia, que é o que mais interessa neste tipo de trabalho, obstáculos para construção da narrativa, pois estes dados muitas vezes são escassos, faltando registros de acontecimentos ou datas sobre os quais estes autores costumam se apoiar para desenvolverem suas investigações^{XVII}. Por incluir diferentes variedades, a biografia pode ser adaptada para diversos objetivos, mudando conforme o interesse dos escritores e dos leitores. Uma tendência biográfica mais recente é a “automodelagem”, ou seja, dar atenção não apenas aos pensamentos e feitos dos protagonistas, mas também à forma como estes se apresentam. Burke exemplifica esse modelo apontando o trabalho de Felipe Fernández-Armesto que, ao escrever sobre Cristóvão Colombo, enfocou a preocupação do personagem com o autoavanço e a autopromoção^{XVIII}.

Nos últimos anos, alguns historiadores-biógrafos demonstraram interesse pelos chamados “impostores”. Pessoas que ao longo de suas vidas experimentaram outras ou várias identidades. Esses seriam burgueses se passando por nobres, católicos fingindo serem mulçumanos para terem acesso à Meca ou mulheres que se vestiam como homens chegando a exercerem carreiras militares em exércitos e navios britânicos, franceses e holandeses. Novamente *Martin Guerre* é evocado como modelo biográfico. O livro de Davis narra a história de um camponês basco do século XVI, residente na França, que fugiu para servir como soldado e anos mais tarde supostamente retorna para encontrar seu lugar ao lado de sua esposa. Porém, não é Martin Guerre quem volta, mas Arnaud Du Tilh, um impostor que assume sua identidade e que só é comprovadamente descoberto após o aparecimento do verdadeiro Martin Guerre⁷⁶.

A história de Martin Guerre foi primeiro contada pelo cinema, com o filme *O Retorno de Martin Guerre*^{XX}, do cineasta francês Daniel Vigne, em 1982. Descontente com as lacunas e imprecisões da trama, a historiadora Natalie Zemon Davis publicou em 1987 a história retratada na película, com mesmo título, mas baseada em profunda pesquisa e análise de documentos do século XVI. Em 1993, Jon Amiel lançou o filme *Sommersby, o retorno de um estranho*^{XX}, uma versão norte-americana da história. Outro exemplo de impostor foco de estudo, mencionado por Burke, foi George Pslamanazar, francês do século XVIII que tentou executar várias carreiras antes de chegar à Inglaterra e se fazer passar por um nativo de Formosa. Foi também japonês, francês, holandês, judeu, estudante, refugiado, soldado, convertido, estudioso e empresário^{XXI}.

Com a ascensão da história social, novas formas de narrativas individuais foram encorajadas. Uma delas é usar a história de uma pessoa comum para fazer com que o leitor compreenda outra época, o contexto do indivíduo, embora biógrafos dessa espécie discordem

sobre qual seria a pessoa ideal para isso. Alguns dizem que deve ser um indivíduo típico do seu tempo. Já outros defendem uma pessoa comum, mas fora do comum, como Menocchio, com ideias religiosas excêntricas para sua época.

Domenico Scandella (Menocchio) foi um moleiro italiano do século XVI, da aldeia de Montereale, levado a julgamento pelo tribunal da Inquisição Católica, devido às ideias que tinha sobre a Igreja (hierarquias, ofícios, ministério, obrigações, dogmas etc.), às doutrinas “cristãs” (conceitos sobre: a origem da vida, os santos, a trindade, Deus, Jesus, o Espírito Santo, Maria, a Bíblia e demais doutrinas) e, principalmente, por difundir suas opiniões sobre o tema a outros. Menocchio vivia numa atmosfera de mudanças econômicas, sociais e políticas em Veneza, cidade que dominava sua aldeia. Para Carlo Ginzburg, o mais importante na análise feita sobre este moleiro foi procurar entender como ele absorvia e transmitia o conhecimento que adquiria, adaptando-o a uma lógica própria de interpretação singular, e como a difusão de suas concepções preocupavam as estruturas de controle da Igreja^{XXII}.

Outro modelo de biografia encorajada pela história social são as biografias coletivas. Burke cita como exemplo as equipes de historiadores que estudaram todos os membros de um grupo particular, como os antigos senadores romanos ou os modernos membros do parlamento britânico. Outra possibilidade neste sentido é a exploração de um pequeno grupo ou rede de amigos e conhecidos unidos numa mesma empreitada, como o estudo sobre os “pais fundadores da república norte-americana” ou os membros da Sociedade Lunar de Birmingham, do século XVIII. No entanto, seria impreciso afirmar se este tipo de estudo trata-se de um tipo de produção biográfica. Para o historiador, esses trabalhos devem ser considerados análises sérias, mas uma forma híbrida do gênero, o que caberia descrevê-los como “semi-biografias”^{XXIII}, uma inovação ou descoberta, um limite entre o gênero literário ou intelectual.

Nesta perspectiva, *O Castelo de Papel – Uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orleães, conde d’Eu* (2013) pode ser considerada um exemplar recente de biografia coletiva. Escrita por Mary Del Priore, a obra narra a história da princesa Isabel e do conde d’Eu, seu esposo. As trajetórias se cruzam quando o foco passa a ser a relação conjugal, fundindo-se numa biografia única. Mas Priore não se limita às vidas de Isabel e Gastão, seus relatos apresentam o panorama político no Brasil da segunda metade do século XIX, o movimento abolicionista, as tensões com D. Pedro II e a queda do segundo Império Brasileiro^{XXIV}.

Burke acrescenta que muitas biografias do tipo anti-heroicas são maneiras utilizadas para evitar escrever o passado de forma triunfalista, desmitificando e enfatizando mais as fraquezas ao invés de concentrar o foco nas realizações. Apesar desta tendência, esse historiador reflete sobre a necessidade que as sociedades têm de construir para si heróis. Heróis e heroínas agem como modelos ou símbolos de identidades ou valores culturais. Podem ser santos, libertadores nacionais, escritores, cientistas etc., e gozarem de influência duradoura, como Marilyn Monroe ou Elvis Presley. Heróis dão esperança, mesmo se nos bastidores nem sempre levem uma vida heroica.

Todavia, heróis também podem se transformar em vilões, pois precisa-se deles para assumirem os papéis de culpados pelos desastres, calamidades, genocídios. Saddam Hussein ou George Bush foram heróis para uns e vilões para outros. Nesta perspectiva – heróis *versus* vilões – há um abismo entre o suprimimento, a quantidade de heróis, e a demanda, a necessidade que se tem deles. Esta lacuna é vencida pelos mitos, “histórias que uma cultura particular trata como especiais ou até sagradas, que tem um significado simbólico e nas quais os protagonistas – sejam super-humanos, sejam sub-humanos – são figuras marcantes”^{XXV}. Ou seja, o personagem é mitificado.

Embora sua origem seja oral, os mitos também circulam e às vezes ganham força nas formas escrita, impressa, na web, nos filmes ou na televisão. O processo de mitificação geralmente ocorre quando as pessoas notam semelhanças entre as ações de um indivíduo particular e um tipo cultural específico, como um líder nacional, ou um santo que já é alvo do mito. Lâmpião pode ser um exemplo. Por roubar dos ricos, passa a ser considerado ou lembrado como um benfeitor dos pobres, porque é isso que “bandidos bons” fazem^{XXVI}. Foi a partir da figura de Delmiro Gouveia, outro exemplo, que foi construído o mito do herói modernizador do sertão. Em sua tese de doutorado, Dilton Cândido Santos Maynard (2008) explorou os usos da memória de Gouveia e como essa colaborou para a criação desse mito. Dentre inúmeros trabalhos produzidos sobre Gouveia, Maynard inclui suas diversas biografias que exerceram papel preponderante em eleger o industrial como símbolo de uma modernidade aparentemente distante da então região Nordeste^{XXVII}.

É nas associações e comparações que os mitos vão se formando. São modelos elaborados que circulam oralmente e são enriquecidos pelos detalhes. Muitos traços que são incorporados aos mitos vêm em geral das vidas de heróis mais antigos. Uma comparação entre a vida dos santos católicos revela que eles compartilham biografias similares, quase idênticas. Isso evidencia que as histórias contadas sobre reis e santos já haviam sido contadas antes deles. Tais narrativas são reciclagens características da história oral. Quando atraem, os detalhes são lembrados, quando não atraem, são esquecidos. Dessa maneira o herói é mitificado. Estudiosos podem descobrir que grande quantidade do que é dito, atribuído ou escrito sobre um herói em geral carece de provas confiáveis. Muitos escrevem sobre eles com objetivo de desmitificá-los ou minimizá-los, reduzindo-os à escala humana comum. Uma biografia heroica em geral tem enredo estereotipado. Por isso, Burke aconselha aos que escrevem sobre o heróis que tenham “a devida ‘maturidade psicológica’, a capacidade de admirá-lo consciente de suas fraquezas”^{XXVIII}.

Analisando a forma como muitas biografias são construídas, Pierre Bourdieu critica os pesquisadores ou biógrafos que tomam esse processo de nascimento, crescimento, predestinação e morte, como um pressuposto para seus métodos e interpretações, chamando tais produções de “ilusão biográfica”. Nesta “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva de um projeto”^{XXIX}. A história de vida narrada desta forma “é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico”, acrescenta^{XXX}. Sob esta ótica, o relato do historiador se assemelha a um romance, ou seja, para Bourdieu, quando se fala de história de vida, deve-se levar em conta que a vida é uma história que não pode ser separada do conjunto de acontecimentos de uma existência e que não obedece a uma ordem sistemática.

Essa vida (biografia) é organizada e narrada de forma cronológica, em perspectiva linear, desde origem – duplo sentido, de princípio, de razão de ser –, até seu término, este também com sentido duplo. Ela tem causa, motivo e efeito, consequências advindas das situações pelas quais o objeto passou ou escolhas que fez. Este sentido é criado artificialmente, na medida em que certos acontecimentos são selecionados e apresentados em sequência coerente como se sempre tivessem ocorrido, enquanto outros são omitidos ou reduzidos. Sob este prisma, o biógrafo age como cúmplice interpretando e aceitando esta criação artificial de sentido^{XXXI}. É esta forma de construção biográfica que Bourdieu questiona, uma apresentação que é conduzida dando a impressão de que o biografado deveria, no sentido de estar destinado, ter passado por todas as situações descritas em sua narrativa.

A película *O Escritor Fantasma* (2010)^{XXXII} ilustra as observações de Bourdieu. A trama gira em torno do biógrafo (Ewan McGregor), um escritor fantasma, e do ex-primeiro ministro britânico Adam Lang (Pierce Brosnan), o biografado. O escritor fantasma foi

contratado para concluir a autobiografia de Adam Lang, que levará os créditos por isso. Em meio a toda aura de mistério e suspense que envolve o roteiro, o ponto a ser mencionado aqui é que no filme a vida do biografado passa por uma seleção que vai sendo feita por ele mesmo sobre o que deve ou não deve ser relatado. O objetivo é uma “ilusão biográfica”, em que a trajetória de Lang vai sendo descrita como se todos os elementos concorressem para que ele alcançasse um destino glorioso, que atingiu seu clímax quando se tornou primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Para Bourdieu, produzir uma história de vida ou tratar a vida de um indivíduo como história, com relato linear e existência dotada de significado e direção, seria uma “ilusão retórica”, uma representação de uma existência reforçada pela tradição literária, construída conforme o mercado social a que se destina, submetida à manipulação do biógrafo sobre a relação sujeito-objeto^{XXXIII}. Para este sociólogo, uma história de vida deve ser registrada tentando entender as redes de relações sociais, o tempo e o espaço que a cercam, pois não é possível compreender uma vida como uma série única em si, sem considerar todos os envolvidos em sua história no mesmo tempo-espaço, assim como não é possível tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede em diferentes estações. Nesta perspectiva, a biografia precisa reconstituir o contexto onde age o indivíduo ou que age sobre ele^{XXXIV}.

Conforme Levi, Borges, Lejeune, Levillian, Maurois, Burke, Bourdieu, as biografias são construídas para diversas finalidades, servindo tanto como registro da história, quanto fonte ou objeto de investigação. Elas podem ser dos tipos prosopografia ou biografia modal, biografia e contexto, biografia e casos extremos, e biografia e hermenêutica; ou nas formas de, narrativa pura, testemunho com pretensão de biografia e testemunho puro; ou ainda variarem entre trajetórias de heróis, anti-heróis e impostores, para melhor satisfazerem o público a que se destinam ou os autores que as escrevem. De qualquer maneira ou para qualquer fim, nas reflexões de Bourdieu, o registro biográfico pode se tornar uma ilusão, selecionada, recortada e montada pelo biógrafo como uma vida destinada a um fim surpreendente, se não houver o devido comprometimento com a investigação.

Robert Darnton faz uma crítica semelhante a Bourdieu, mas direcionada ao historiador. No texto *Os esqueletos no armário: como os historiadores brincam de ser Deus*, oitavo capítulo do seu livro *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*, Darnton reflete sobre como a vida de um personagem pode ser selecionada, retalhada em pequenos fragmentos e depois reelaborada conforme a conveniência do historiador ou biógrafo. As considerações partem de sua experiência ao investigar a vida de Jaques-Pierre Brissot, um dos líderes dos gerundinos durante a Revolução Francesa (1789), mediante artigos e documentos da editora de Brissot, a Société Typographique de Neuchâtel na Suíça, e 119 cartas inéditas escritas por ele^{XXXV}.

Darnton deparou-se com importantes descobertas sobre o papel que o revolucionário desempenhou na indústria editorial. Para sua surpresa, Brissot, a quem admirava, havia sido contrabandista de livros e espião da polícia. Sua maior decepção talvez seja o fato de que tais aspectos de sua vida não tenham sido relatados por seus memorialistas ou estudiosos da Revolução Francesa (1789-1799). Ao examinar como a vida de Brissot foi recortada e selecionada pelos biógrafos, Darnton mostra o quanto o historiador-biógrafo pode comportar-se como agente do destino, brincando de Deus, quando se coloca fora do tempo e cria vida, escavando arquivos e removendo esqueletos dos armários, ou seja, separando e manipulando os fatos conforme o destino que suas escolhas conferem ao personagem.

Mas, até que ponto o recorte e a seleção sobre o que é ou não exposto numa biografia deve ser encarado como manipulação dos fatos? No final de 2013 houve uma polêmica apresentada na mídia brasileira sobre a liberdade de expressão e o direito à privacidade em

torno dos textos biográficos, envolvendo a ANEL – Associação Nacional dos Editores de Livros, o sistema judiciário e o grupo Procure Saber. O Procure Saber é um grupo formado por artistas brasileiros que luta para que as biografias não autorizadas sejam submetidas à autorização do biografado ou seus familiares antes de serem publicadas^{XXXVI}. As bases em que se debruçam o Procure Saber seriam os artigos 20 e 21 do Código Civil que determinam a existência de autorização para a publicação ou uso da imagem de uma pessoa. O primeiro afirma que se a divulgação de escritos, a transmissão, a publicação ou a exposição atingirem a honra, a boa fama, a respeitabilidade ou servirem para fins comerciais, poderão ser proibidas. O outro artigo determina que a vida privada é inviolável^{XXXVII}.

A ANEL entrou com uma ação no Supremo Tribunal Federal contra estes dois artigos argumentando que ambos atacam a Constituição Federal que prevê a liberdade de expressão, e que a proibição da publicação de biografias é uma forma de censura. Isso gerou debates nos veículos de comunicação entre a Associação, os cantores Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda, membros do Procure Saber, e intelectuais, sobre os limites entre a preservação da imagem e a exposição pública. Para François Dosse, a biografia funciona como difusor da memória, capaz de redimensionar o legado de um personagem para a história. Essa não pode existir se não há liberdade de pesquisa. Em declaração ao blog Prosa, Dosse disse ter ficado perplexo com a forma como os sistemas de censura brasileiros são impostos sobre os biógrafos, inibindo assim suas produções^{XXXVIII}.

Comentando o ocorrido na seção *Notícias* do site da ANPUH (Associação Nacional de História), o professor Benito Bisso Schmidt, ex-presidente desta Associação, faz um balanço dos envolvidos neste debate – ANEL, biografados, figuras públicas – e os interesses, inclusive econômicos, em torno disso. Sua defesa recai principalmente sobre os trabalhos biográficos acadêmicos. Segundo ele, a biografia, anteriormente considerada um gênero menor pelos historiadores, já que o indivíduo teria participação inexpressiva no romper dos processos históricos, não sofre um retorno, pois o gênero não deixou de ser produzido ou estudado. Ao invés disso, as trajetórias de vida produzidas e estudadas pela academia hoje são diferentes das feitas antes da segunda metade do século XX, posicionando-se no centro do conhecimento histórico. Seu objetivo é apresentar através de evidências a liberdade de atuação dos indivíduos apesar dos empecilhos gerados pelos constrangimentos estruturais. Não se limita a figuras conhecidas ou à elite, mas inclui os considerados subalternos e desviantes. Daí a importância destas biografias continuarem a ser produzidas e com liberdade para investigação^{XXXIX}. Schmidt se posiciona de forma clara em relação a este problema:

sou contra qualquer forma de censura prévia e a favor da liberdade de pesquisa e divulgação de textos biográficos, mas também sublinho que o biógrafo deve guiar sua atuação a partir de princípios éticos que tenham como horizonte a salvaguarda do biografado de prejuízos materiais e simbólicos^{XL}.

Como escrito no próprio título da notícia – “A posição da ANPUH diante da polêmica sobre as biografias” – a postura de Schmidt é compartilhada pela ANPUH. Comparando esta situação com os comentários de Darnton sobre a narrativa biográfica seletiva, vale ressaltar que em muitos casos, a seleção às vezes precisa ocorrer, porém orientada pelos princípios éticos defendidos por Schmidt. Ao historiador não cabe fazer da intimidade do biografado um espetáculo à parte ou alvo de comentários inescrupulosos. Antes, o interesse é pelo que pode ser extraído da vida do indivíduo que contribua para a compreensão dos processos históricos nos quais ele esteja envolvido.

Desse modo, os aspectos curiosos sobre a biografia discorridos e o arcabouço teórico e metodológico em torno das narrativas individuais apresentados aqui, tem por finalidade dar sentido às análises feitas sobre as biografias, encarando-a para além de subterfúgio a produção

do conhecimento histórico, mas, considerando os autores discutidos neste trabalho, um espócie de escrita da história.

^I Mestra e Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Professora Tutora do Curso de Graduação e História EAD/UFS. Pesquisadora do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/CNPq/UFS) desde 2008.

^{II} LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 167, 168.

^{III} Ibidem, p.170-172.

^{IV} Ibidem, p. 173.

^V Ibidem, p. 174.

^{VI} SCHAAKE, Erich. **Todas as Mulheres de Hitler**. São Paulo: Lafonte, 2012.

^{VII} DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens – Três Mulheres do Século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

^{VIII} LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 175, 176.

^{IX} DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

^X SILVA, Eduardo. **Dom Obá II D'África, o Príncipe do Povo – Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

^{XI} LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 178.

^{XII} Ibidem, p.179.

^{XIII} Cf. LEJEUNE, Phillippe. Apud BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 213, 214.

^{XIV} Cf. LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.p. 155.

^{XV} BURKE, Peter. O Historiador Como Colunista: ensaios para a folha. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2009.

^{XVI} HOBBSAWM, Eric. Epitáfio para um vilão: Roy Cohen. In: **Pessoas Extraordinárias – Resistência, Rebelião e Jazz**. São Paulo: Paz e Terra Ed., 2005. p. 331-333.

^{XVII} BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 29, 30.

^{XVIII} Ibidem, p. 30, 31.

^{XIX} DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

^{XX} VIGNE, Daniel. **Le Retour de Martin Guerre**. França: 1982. Duração: 122 min. Formato: DVDRip.

^{XXI} AMIEL, Jon. Sommersby - O Retorno de um Estranho. França/EUA: Warner Home Video, 1993. Duração: 114 min. Formato: DVDRip.

^{XXII} BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 30, 31.

^{XXIII} GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3 Edição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.p. 37-90.

^{XXIV} PRIORE, Mary Del. **O Castelo de Papel – Uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d'Eu**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

^{XXV} BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 34, 35.

^{XXVI} Ibidem, p. 36.

^{XXVII} MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra**: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980). Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

^{XXVIII} BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista**: ensaios para a folha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.p. 36.

^{XXIX} BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.p. 184.

^{XXX} Ibidem, p. 183, 184.

^{XXXI} Ibidem, p. 185.

^{XXXII} POLANSKI, Roman. **O Escritor Fantasma**. França: Paris Filmes, 2010. Duração: 128 min. aproximadamente. Formato: DVDRip.

^{XXXIII} BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 188, 189.

^{XXXIV} Ibidem, p. 190, 191.

^{XXXV} DARTON, Robert. Os Esqueletos no Armário: como os historiadores brincam de ser Deus. In: **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 183.

^{XXXVI} Ver: Entenda a polêmica sobre a proibição de biografias não-autorizadas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/10/entenda-polemica-sobre-proibicao-de-biografias-nao-autorizadas.html>>, acesso 30/10/2013.

^{XXXVII} Ver **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**: “Art. 20. Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais.

Art. 21. A vida privada da pessoa natural é inviolável, e o juiz, a requerimento do interessado, adotará as providências necessárias para impedir ou fazer cessar ato contrário a esta norma”. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm> acesso novembro 2013.

^{XXXVIII} François Dosse: ‘Não há biografia sem liberdade de pesquisa’. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/10/19/francois-dosse-nao-ha-biografia-sem-liberdade-de-pesquisa-512485.asp>>, acesso outubro de 2013.

^{XXXIX} Notícias – A posição da ANPUH diante da polêmica sobre as biografias (05/11/2013). Disponível em: <http://www.anpuh.org/informativo/view?ID_INFORMATIVO=4370>, acesso em janeiro de 2013.

^{XL} Idem.

Referências Bibliográficas

AMIEL, Jon. **Sommersby - O Retorno de um Estranho**. França/EUA: Warner Home Vídeo, 1993. Duração: 114 min. Formato: DVDRip.

BURKE, Peter. **O Historiador como Colunista: ensaios para a folha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens – Três Mulheres do Século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **O Retorno de Martin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOSSE, François: ‘Não há biografia sem liberdade de pesquisa’. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/10/19/francois-dosse-nao-ha-biografia-sem-liberdade-de-pesquisa-512485.asp>>, acesso outubro de 2013.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. 3 Edição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOBBSAWM, Eric. Epitáfio para um vilão: Roy Cohen. In: **Pessoas Extraordinárias – Resistência, Rebelião e Jazz**. São Paulo: Paz e Terra Ed., 2005.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORGS.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LEJEUNE, Phillippe. Apud BORGES, Vavy Pacheco. A Biografia. In: PINSKY, Carla B. (ORG.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEVILLAIN, Philippe. Os Protagonistas: da biografia. In: REMOND, René. (ORG.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UERJ/Ed. FGV, 1996.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O Senhor da Pedra: os usos da memória Delmiro Gouveia (1940-1980)**. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

Notícias – **A posição da ANPUH diante da polêmica sobre as biografias (05/11/2013)**. Disponível em: <http://www.anpuh.org/informativo/view?ID_INFORMATIVO=4370>, acesso em janeiro de 2013.

PRIORE, Mary Del. **O Castelo de Papel – Uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d’Eu**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

POLANSKI, Roman. **O Escritor Fantasma**. França: Paris Filmes, 2010. Duração: 128 min. aproximadamente. Formato: DVDRip.

Polêmica sobre a proibição de biografias não-autorizadas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/10/entenda-polemica-sobre-proibicao-de-biografias-nao-autorizadas.html>>, acesso 30/10/2013.

SCHAAKE, Erich. **Todas as Mulheres de Hitler**. São Paulo: Lafonte, 2012.

SILVA, Eduardo. **Dom Obá II D’África, o Príncipe do Povo – Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VIGNE, Daniel. **Le Retour de Martin Guerre**. França: 1982. Duração: 122 min. Formato: DVDRip.